

Cineave apresenta 5ª f. 24

de Ana Carolina



Vargas encontra-se com Roosevelt na Base Aérea de Natal

"Getúlio Vargas"

"S E o pingo passar encilhado, ele monta", disse, uma vez, Osvaldo Aranha, referindo-se à possibilidade de Getúlio Vargas aceitar, em 1950, sua candidatura à Presidência da República. Usando um regionalismo gaúcho — pingo é cavalo, na terminologia das coxilhas do Sul —, o ex-presidente da ONU quis sintetizar toda a astúcia do velho caudilho de São Borja. Nos idos de 1954, o historiador Afonso Arinos de Mello Franco, que chefiara com singular veemência a oposição parlamentar a Vargas, assim se manifestou sobre a astúcia lendária do presidente que se matara em pleno exercício do seu mandato constitucional: "O suicídio de Getúlio Vargas foi um ato político. A bala que o matou também feriu de morte a UDN." Astúcia, amor ao poder, frieza, espírito demagógico — eis algumas expressões usadas freqüentemente, quando se trata de traçar o perfil político de Getúlio Vargas, desde a humilde vereança municipal em São Borja até a Presidência da República — com passagem por numerosas funções e mandatos: deputado estadual e governador (Rio Grande do Sul), deputado federal, líder de bancada e ministro da Fazenda (governo Washington Luís) e finalmente chefe de um movimento revolucionário. E ainda senador eleito simultaneamente por dois estados e ditador que enfeixava poderes iguais aos de Adolf Hitler e Benito Mussolini. Para contar a história de Vargas — que se confunde, ao longo de trinta anos, entre 1924 e 1954, com a própria história do país —,



Revolucionários gaúchos, a cavalo, posam em 1930 diante do Obelisco, na Avenida Rio Branco, no Rio.

O mundo em que Getúlio Vargas viveu foi caracterizado por violentos traumas políticos e choques sociais, entre os quais ele oscilou, ora inclinándose para a direita, ora para uma posição de centro-esquerda, o que se evidenciou mais claramente nos últimos anos de sua segunda fase governamental. Por isso, foi tachado de oportunista. Como de oportunista foi tachado até a sua morte — um gesto político, segundo os líderes da oposição. Vargas, no entanto, preferiu permanecer fiel às suas diretrizes e intuições, na área política e administrativa, perdendo amigos ou conquistando antigos adversários.

qual outorgou uma legislação considerada por muitos irreal ou demagógica. Seu suicídio em 24 de agosto de 1954 estabeleceu o fim de uma época e foi chorado pelo povo: "A sua força carismática, vista hoje, se atenua, quase se dilui e a opinião pública está preparada para fazer uma revisão tranqüila,

as fases de sua carreira, criando órgãos fundamentais ao desenvolvimento do país, como a Petrobrás e a Eletrobrás, sufocando rebeliões da esquerda e da direita, isolado em seu retiro de São Borja, empreendendo a sua triunfal viagem de volta ao Catete, nos idos de 1950, e retornando, morto, à terra em que nasceu. Dos momentos de glória — os comícios de Primeiro de Maio, no Estádio do Vasco da Gama, a chegada ao Rio de Janeiro em 1930 como chefe de um movimento revolucionário vitorioso — às fases de amargura — o crime da Rua Toneleros, o mar de lama e a deposição em 1945 —, Vargas cumpriu um fascinante itinerário político. Ao

"Aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória." Uma vitória que o jazigo da Família Vargas guarda numa urna no modesto cemitério do município de São Borja.



J.A. Pavlovsky/Sygma

Enquanto Vargas governava o Brasil, nazistas e fascistas governavam a Alemanha e a Itália. Von Ribbentrop, Ciano, Hitler e Goering fazem a saudação nazi-fascista.

